

Experiências de escrita etnográfica a partir de porta-joias¹

Aline Lopes Rochedo (UFRGS/RS)

Resumo: O trabalho proposto resulta de esforços empreendidos na escrita da minha tese de doutorado sobre transmissão de joias de família. Partindo de narrativas iniciadas em adereços corporais repassados entre gerações, arrisquei paralelos com gêneros literários como método autoral para evidenciar sutilezas de dinâmicas e tensões familiares, atentando para ascensão e descenso social, percepções múltiplas sobre o sagrado, fluxos de sensibilidades e estratégias de pertencimento e individualização. Colhi a maioria dos relatos em interações espontâneas ou entrevistas não dirigidas com guardiãs, herdeiras e reclamantes desses adereços. Minha escrita, portanto, privilegia o uso de substantivos e adjetivos femininos ao se referir à maioria dos sujeitos de interlocução – a concordância nominal masculina é empregada quando necessária. No processo, constatei cadeias de vozes, elementos empíricos, impressões e certezas se rompendo e escapando por pontas desamarradas. A redação construída resulta de peças que encontrei, rearranjei e combinei à margem da confluência cronológica. Trilhar diferentes temporalidades, afetos e desafetos salientou o desafio se produzir uma composição ética atravessada por passado e futuro, vivos e mortos, valores “econômico” e “sentimental”, disputas e alianças que não cabe em porta-joias. Faltam encaixes, algumas combinações se repetem, há inúmeras lacunas. Não é uma escrita definitiva. É uma experiência dentre tantas possíveis.

Palavras-chave: Escrita etnográfica; joias de família; gênero literário

Apresentação

O texto que se inicia condensa experiências empreendidas na escrita etnográfica da minha tese de doutorado (em processo de finalização) sobre transmissão de joias de família. Partindo de narrativas textuais, performáticas e imagéticas que emergem de adereços corporais repassados entre duas ou mais gerações e de vivências pessoais não

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

apenas como mulher, mas também como tutora de um anel em movimento, transitei entre recursos de ficção e não-ficção para abordar sutilezas, dinâmicas e conflitos familiares, atentando para ascensão e descenso social, fluxos de sensibilidades, interdições e estratégias de pertencimento e individualização na família.

É importante alertar para o fato de que joia de família não é sinônimo de joia. Não nesta etnografia. Trato esses adereços associados “às mulheres” como pertencentes a uma classe específica de coisas (Ingold, 2012) ligadas a dinâmicas e à elaboração de linhagens que conectam doadoras, tutoras e preteridas, mas que não se descolam das lendas familiares, geralmente exaltando homens provedores. Os repartes são mediados por interesses ambíguos e inspiram crônicas que fluem com afetações, silêncios, conflitos e lógicas passadas adiante na maioria das vezes em sentido vertical e em limites nunca rígidos de coletividades. Muitas histórias atravessam as existências acondicionadas em porta-joias e cofres. São sagradas, quase segredos, e, por isso, são tão reveladoras. Todavia, vida guardada não é vida plena, e, como percebeu Simmel (2014), adornos precisam ser mostrados para existir.

Observo, ainda, que adereços de metais nobres² e gemas³ desta investigação se tornaram “de família” em processos sociais, ou seja, receberam essa denominação ao escoarem afetos em muitas direções. Mesmo quando confiados a um indivíduo, são, em geral, concedidos transitoriamente, não alienados por completo (Weiner, 1992; Godelier, 2001), ficando interditos à venda, pois devem ser repassados pelo afeto. Trazer à vida as joias de família sem retirá-las de percursos íntimos e sem fazer com que aparentem ser meros caprichos ou frivolidades é desafio dessa escrita etnográfica que se propõe, do início ao fim, a respeitar emoções e singularidades das transmissões.

Colhi a maioria dos casos em interações espontâneas ou entrevistas não dirigidas com mulheres, pessoas que se dispuseram a falar e assim se denominavam. E expus minhas próprias lendas familiares em histórias que ajudam a compreender a produção de joias nas famílias e seu caráter cambiante, jamais estagnado. Percebemos que a perenidade é ilusória; não há vida plena sem ação, exibição, crescimento e movimento.

² Para me referir a metais nobres, sirvo-me dos trabalhos da historiadora Santos, que tratou em sua tese sobre joias de cabelo, e de Passos, que pesquisou memória, identidade e afeto na joalheria contemporânea no Brasil (Santos, 2014; Passos, 2018).

³ Nomenclatura para delinear pedras e outras substâncias orgânicas e inorgânicas usadas na produção de peças de joalheria (Santos, 2014; Passos, 2018).

Considerando etnografia como gênero literário (Clifford, 2011) e “arranjos hierárquicos de discursos” (Clifford, 2016, p. 50), compus o presente exercício com cadeias de vozes, elementos empíricos, impressões e certezas se rompendo e escapando por pontas desamarradas. As redações deste breve relato e da etnografia resultam de peças que encontrei, rearranjei e combinei à margem da confluência cronológica. Tecer diferentes temporalidades e expressões afetivas salientou o desafio se produzir uma composição ética com disputas e alianças que não cabem em porta-joias. Aliás, a complexidade humana não cabe numa única pesquisa, num colar, num texto. Faltam encaixes, algumas combinações se repetem, há inúmeras lacunas a preencher na redação, na interlocução e nos sentimentos. É uma versão dentre tantas possíveis.

Uma lenda de família

- Viste a cara dos genros da velha Quita?

- Vi. Coitados.

- Coitados? Coitado de mim que não recebo os meus vencimentos há três meses e estou devendo a meio mundo. A “tristeza” desses quatro sujeitos nada tem a ver com a morte da sogra. A velha era uma tirana.

- Que é, então?

- Estão preocupados porque D. Quitéria foi enterrada com as suas joias mais preciosas.

- Não diga, chê!

- Pois é. Um anel com um diamante do tamanho de um grão-de-bico. Um broche de rubis. Um colar de pérolas legítimas. Uns brincos não sei bem de quê... parece que de esmeralda. E uma pulseira de ouro maciço. Joias de família.

- Bá!

(Erico Verissimo, *Incidente em Antares*, 1971)

Extraí o trecho acima de *Incidente em Antares*, romance ficcional de Erico Lopes Verissimo, neto pelo ramo materno de Aníbal Lopes, este irmão de Manoel Lopes, pai do meu avô materno, Mário Lopes. Diferentemente de Erico, cuja infância lustrosa permitiu estudo em Cruz Alta e Porto Alegre, Mário frequentou um ano de escola de campanha. Seu pai era o proprietário da estância e faleceu quando o menino

tinha 4 anos. Gertrudes Rodrigues, empregada e mãe do meu avô, acabou dispensada por consanguíneos de parte da sua prole.

Aníbal era tio paterno de Mário e tomou para si a criação do guaxo⁴ do Manoel. De tempos em tempos, levava o guri da fazenda para Cruz Alta e o encarregava de vender carne e miúdos num carrinho de mão. O sobrinho ia advertido: melhor não cair no conto do fiado, pois haveria sanções na volta. Levava tão a sério a ameaça que não deixava nem *sia*⁵ Maurícia, mulher de Aníbal, tocar na mercadoria. Quando a tia gritava “Mariozinho, vem cá!”, ele retrucava: “Tem dinheiro?”. Se ela respondesse “não”, a criança virava as costas e disparava com o produto. Apanhava do mesmo jeito, mas honrava a missão. “É verdade essa história, pai?”, perguntava minha mãe ao meu avô, tentando confirmar causos que escutava em Cruz Alta daqueles que conheceram Mariozinho. Mário adulto achava graça.

Na beirada da adolescência – dessa parte ele gostava –, meu avô acompanhava tropeiros a Santa Catarina, Paraná e a São Paulo. Fugiu dos tios aos 12 anos rumo à casa da mãe, que vivia com outros filhos numa localidade de Cruz Alta. Foi estafeta na Revolução de 1923⁶ e capataz antes de retomar tropeadas de Mato Grosso a São Paulo. E serviu como tenente e capitão nas revoluções de 1930 e 1932, respectivamente. Encerrados os conflitos, numa passagem pelo município de Itaqui⁷, Mário se apaixonou por Nina, para desgosto do pai da moça, Pedro D’Alcântara Monteiro, um fazendeiro a quem vendia gado. “Já tem duas filhas”, horrorizavam-se os Monteiro.

Contrataram casamento na entrega de um anel comprado por Mário numa joalheria de Santa Maria. Reza a lenda que impressionou a “monteirada” na escolha do diamante. Queria demonstrar a capacidade de provedor, e esta foi a joia com a qual Mário fundou família com Nina, um anel mais tarde tornado de família ao ser repassado em vida à irmã da minha mãe. Um prolongamento de narrativas do ramo da nova

⁴ Expressão usada para designar animal ou bebê afastado da mãe e criado com leite não materno ou para se referir a criança sem pai nem mãe.

⁵ Sinônimo de *sinhá*, forma de tratamento usada pelos cativos para se dirigir à patroa. Segundo minha mãe, era assim que meu avô se referia à tia que o “criou”.

⁶ A Revolução de 1923 foi um conflito armado deflagrado no Rio Grande do Sul após a reeleição de Antônio Augusto Borges de Medeiros contra Joaquim Francisco de Assis Brasil nas eleições para presidente do Estado no ano anterior. A suspeita de fraude na eleição instaurou uma crise política e a guerra civil que durou praticamente um ano.

⁷ O município de Itaqui se localiza no oeste do Rio Grande do Sul, na fronteira de Brasil e Argentina. Em linha reta, fica a 525 quilômetros de Porto Alegre.

família. À minha mãe, foi ofertado outro anel, o último que Mário deu para Nina, nos anos 1980. Mas esta é outra parte da história. Por ora, retorno à trajetória do vô.

Mário passou os anos 1940 como gerente na fazenda Três Figueiras, no então distrito de Maçambará – os filhos com Nina, incluindo minha mãe, nasceram nessa época –, adquiriu campo com auxílio do patrão e, incorporado a círculos políticos do Rio Grande do Sul por revoluções e por frequentar a vizinha Fazenda do Itu, de Getúlio Vargas, tornou-se vereador e prefeito de Itaqui, opondo-se a sogro e cunhados. Afastou-se da vida pública ao encerrar o mandato na administração municipal, em 1964, e em função do golpe militar, que prendeu, humilhou e matou amigos já nos primeiros dias.

Nasci nos anos 1970, e Mário já era “patrão velho”. Admirava o primo escritor, a quem visitava de vez em quando com Nina em seu apartamento, no centro de Porto Alegre. Em casa, o vô lia e relia *O tempo e o vento* e *Solo de clarineta*. Não para se procurar – nem aparece –, mas para se finar de rir com os tipos dos Lopes.

O vô morreu em janeiro de 1988.

Em 2015, uma recente amizade que já era das melhores comentou descender “dos Lopes do Erico”. Se não me engano, sua avó materna era filha da filha de uma irmã de Manoel. Informei-lhe que éramos aparentadas. Entusiasmada como eu, ela me apresentou a outras mulheres da família. “Sou bisneta do Manoel Lopes, irmão do Aníbal”, facilitei. Então ouvi: “Esse tio era riquíssimo. Morreu solteiro, sem filhos.”

Conheci a avó da minha amiga no ano seguinte e fui apresentada como prima pelos “Lopes de Cruz Alta”. A anciã se animou: “Neta de quem?”. “Bisneta do Manoel, irmão do Aníbal”, respondi. “Ah, sim! Esse não casou e não teve filhos. Diziam que era até fresco. Depois descobriram que tinha umas crianças no galpão que eram filhas dele.” Vô Mário era uma dessas crianças.

A avó da minha amiga ficava faceira quando me via. Eu me emocionava com a intensidade da prima nonagenária. Pela linhagem feminina, ela já vinha sem nosso Lopes; eu conservo o que chegou à minha mãe, e que já para por aqui. E dava gosto ver a prima retocando batom vermelho. Nosso riso espaçoso só podia ter a mesma nascente. Prestei-lhe homenagem no seu funeral quando sua alegria expirou, em 2019. Devo-lhe o traço de graça e leveza que pude acrescentar à minha lenda familiar sobre meu bisavô Manoel, homem riquíssimo, solteiro, sem filhos e, conforme o outro ramo, “até fresco”.

Abri este relato sobre minha lenda familiar com um trecho de *Incidente em Antares*, romance escrito por Erico Verissimo em 1971. Dois homens conversam nesta passagem sobre as joias de família de D. Quitéria, uma das sete pessoas mortas que retornam ao mundo dos vivos durante uma greve de coveiros. Ao retomar a consciência, a defunta descobre não ter sido colocada no caixão com seus bens, situação que contrariava desejos e determinações. Páginas adiante, a matriarca dos Campolargo surpreende as filhas e os genros discutindo a divisão das suas joias de família. Recolhe os adornos e, indignada, os atira num vaso sanitário, dando descarga e proclamando seu herdeiro o rio Uruguai, curso d'água que banha Antares, cidade fictícia onde tudo se passa e onde a anciã foi sepultada.

- É verdade mesmo, nosso amigo, que D. Quitéria atirou as suas mais belas joias no vaso sanitário e puxou a corrente?

- É verdade – confirmou o genro – mas por sorte nossa o cano entupiu e conseguimos recuperar o broche, o colar, os brincos e a pulseira. Infelizmente perdemos o anel com o solitário... (Verissimo, s/d, p. 310)

Todavia, conduzi a leitura a episódios (hipoteticamente) ocorridos no município de Cruz Alta e cercanias e a crônicas transmitidas oralmente sobre os Lopes do Manoel, do Mário, da minha mãe e meu, em esmorecimento nesta geração, neste ramo. Em relatos desajustados, expus lendas familiares conflitantes, personalidades controversas e causos quase esquecidos, todos (sem dúvida!) romanceados. São escritas que encontrei em meu porta-joias familiar e que me ajudam a refletir sobre a busca por prestígio na ascendência, com a exaltação de personagens e tentativas de recuperar âncoras nas sagas. Em casos como os expostos acima, a ascendência reivindicada junto a figuras prestigiosas e feitos históricos é capital simbólico avassalador e inclinado a obscurecer muitas outras possibilidades de identidade familiar e contribuir para a produção e reprodução de lendas familiares que acompanham narrativas, sujeitos e coisas que transitam entre gerações, como joias de família, prenomes e sobrenomes.

Alguns descendentes demonstram descompasso, outros assumem identidades formuladas no tempo com o convívio com bibelôs lascados, mobiliário, coleções, trejeitos, léxicos, álbuns de fotografias, prataria, livros de receitas e cobertas de linho. Essas identidades forjadas, jamais absolutas, coexistem no sujeito e são atravessadas por outras, mesmo havendo predileção por uma ou outra narrativa. Pina Cabral as denomina

identidades continuadas (2003) e as define como laços resultantes de uma comum identificação com gerações anteriores, inclusive com os mortos, que continuam exercendo poder aglutinador entre os associados pela memória.

A repetição é fundamental para esse universo em mutação não se esfacelar e ser esquecido. A isso Pina Cabral chama de lenda familiar, crônica quase mítica que tende a atingir um nível de coerência de forma consciente de reelaboração do passado. Feitos, conquistas, características familiares são explicitados e revividos em transformações. Nem tudo é positivado, mas algo precisa sobreviver. E muito comportamento deriva de narrativas que integram esse patrimônio (Pina Cabral, 2003, p 128).

A memória genealógica costuma ser mais profunda quando se apresenta pretensão passado dinástico (Pina Cabral, 2003). Não significa que não haja genealogistas ou interessados em recuperar linhagens em outros estratos sociais. Como sugerido por Segalen e Michelat, a busca por origem da filiação é fenômeno atestado universalmente (1991, p. 194). Em sociedades que denominam como “exóticas”, a prática teria “função social coletiva”, pois, ao reafirmar memória e territorialidade, permitiria a legitimação de poder político de chefes (Segalen; Michelat, 1991).

O exercício da reconstrução de origens familiares, em sociedades europeias, ocupa-se de traçar linhagens e a identificar ancestrais, sendo acessada como testemunho de gênese por vezes pensada como quase divina ou datada da Idade Média. A prática até foi romanceada pelo português Eça de Queirós em *A ilustre casa de Ramires*, de 1900. Na trama, o fidalgo Gonçalo Mendes Ramires ambiciona ingressar na política e produz uma novela histórica a partir de um antepassado que teria sido cavaleiro de um monarca de Portugal no início do século XIII:

Gonçalo Mendes Ramires (como confessava esse severo genealogista, o morgado de Cidadelhe) era certamente o mais genuíno e antigo fidalgo de Portugal. Raras famílias, mesmo coevas, poderiam traçar a sua ascendência por linha varonil e sempre pura, até os vagos Senhores que entre Douro e Minho mantinham castelo e terra murada, quando os barões francos desceram, com pendão e caldeira, na hoste do Borguinhão. E os Ramires entroncavam limpidamente a sua Casa, por linha pura e sempre varonil, no filho do Conde Nuno Mendes, senhor de Treixedo e de Santa Irenéia, que casou em 967 com Dona Elduara, Condessa de Carrion, filha de Bermudo, o Gotoso, rei de Leão. (Queirós, s/d, p.12).

Pina Cabral identifica horizontes em que sujeitos constroem reflexivamente as imagens que têm de si, isto é, o *self* (2003). Segundo ele, relatos produzidos em cenários

aristocráticos acumulam antepassados – nesta pesquisa, isso sobressai em narrativas de joias de família com menção, em alguma instância, de posse de vultosas propriedades rurais. É comum personagens arrefecerem ou demandarem outras formas de rememoração. Em casos mais abastados, tende-se a buscar “famosos” em cenários culturais, políticos ou econômicos.

E onde se criam as lendas familiares? Na minha pesquisa, emergem de cafezais do interior de São Paulo, de charqueadas pelotenses, da imigração portuguesa, de estâncias de Cruz Alta, da fronteira do Brasil com Argentina e Uruguai, da política, da diáspora libanesa, de revoluções, da península de Nápoles, de comerciantes ibéricos... Títulos, brasões, glórias militares e ancestrais distintos não são tão reivindicados quando se descende nos estratos sociais ou quando a narrativa da ascendência se elaborou com recorte urbano e apresenta origem pouco rastreada, com ou sem intencionalidade manifesta e reconhecida. É a persistência e o senso de trabalho árduo do imigrante que prevalece nesses casos, no comércio ou no campesinato.

Por que joias de família?

Ao buscar um marco fundante para a percepção deste tema como possibilidade de investigação, arrisco situá-lo na etnografia que resultou em minha dissertação de mestrado⁸. Segui os deslocamentos de um vestido criado em Porto Alegre, em 1971, e exposto no Museu de Arte Brasileira (MAB), em São Paulo, em 2012, identificando pontos de inflexão simbólicos na sua trajetória e nas trajetórias de sujeitos a ele ligados: o costureiro e a proprietária da roupa. Naquela experiência pautada por Igor Kopytoff (2008) e sua noção de biografia cultural, faziam parte do campo eventos prestigiados por pessoas de camadas médias e altas na capital do Rio Grande do Sul. Eram ocasiões nas quais participantes que tomavam conhecimento da minha condição de pesquisadora me abordavam para falarem sobre suas coisas, sobretudo, joias. Ao enumerar histórias, percorriam gerações e parentes que, algumas vezes, nem tinham conhecido, mas que a eles estariam engastadas. Ansiavam por me doarem crônicas, e, diante da insistência e da recorrência, resolvi recebê-las e me envolver.

Eu registrava as interpelações de forma pitoresca. Achava insólito ser abordada por quem não me conhecia e insistia em me confiar histórias envolvendo bens cobiçados. O desejo de falar até sobre desavenças familiares e revelar por adornos

⁸ Defendi a dissertação *Do croqui à Academia: a biografia cultural de um vestido* em maio de 2015.

segredos de família conquistou minha escuta. Reconheci que fora capturada quando não conseguia evitar associações de dados difusos com teoria antropológica, sobretudo com aquela que orbita a temática da dádiva. O que faz com que joias de família devam ser repassadas a gerações vindouras? Por que precisam permanecer na família?

Contrariando a máxima de que “ninguém mais usa joias” por temer assalto, anéis, relógios, pingentes, broches e brincos aliciavam minha atenção em lugares onde não os enxergava, embora lá já estivessem: transporte público, ruas, *shoppings*, sala de aula, redes sociais, festas, fotos, museus, cafés, congressos. Havendo oportunidade, e com a redação do projeto do doutorado em curso, eu mencionava a intenção da pesquisa em situações cotidianas e não raramente alguém mostrava um adereço dizendo que fora da avó, de uma tia, da mãe ou até de quem não era, mas era como se fosse parente.

Deparava-me com a única peça do tipo; outras vezes, havia mais itens guardados. Não faltaram relatos de roubos, furtos, perdas, vendas e rusgas. Citavam-se afetos e conflitos em rompantes de risos e lágrimas, expondo culto a ancestrais e reverência a um passado compartilhado, mesmo que não vivido. Evidenciavam “sensações de pertencimento coletivo, de algum tipo de continuidade emocional”⁹ (Duarte; Menezes Aisengart, 2017, p. 6, tradução minha). Eram crônicas e performances sobre relações transpessoais que partiam de e convergiam para joias de família.

Diversas narrativas manifestaram relações, gratidão e dívidas imaginadas. Entretanto, há expressões de desconforto pela incumbência do zelo quando se tratam de adereços cujas histórias apontam para divergências morais entre quem as guarda e a quem as joias de família se associam. Quase um fardo ancestral. Como observou Price em contexto de mercado das artes, *pedigrees* podem ser positivos ou negativos; neste último caso, seria preciso “limpá-los” (1993, p. 139).

Nos cenários por mim investigados, todavia, sobressaem crônicas que glorificam o passado ancestral, com destaque para associações dinásticas no sentido de destacar figuras ascendentes. Constatei, além disso, relativa obediência à consanguinidade em repasses, questões para além de valores de usos e pagos pelos artefatos em suas fases mercadológicas e, adiante, incorporados a acervos de família, tornando-se posses inalienáveis (Weiner, 1992; Godelier, 2001), coisas que se movimentam em tensão com

⁹ No original: [...] feelings of collective belonging, of some kind of emotional continuity.

o fato de serem dadas sem serem, de todo, alienadas. Proponho uma noção de tutela porque oferece a ideia de que algo está com alguém e pede cuidados, mas não lhe pertence de fato, já que não pode dispor livremente do bem.

Poderia inferir que joias de família assumem protagonismo em instâncias ligadas a transformações no ciclo da vida, modificando relações, testemunhando e estabelecendo diferenças que se convertem em hierarquia (Weiner, 1992, p. 19). Parece haver senso de nexos pessoais entre tutora e coisa, característica que posiciona sujeitos no mapa de afetos, concedendo-lhes juízo de pertencimento e, em alguns casos, de diferenciação no que concerne às demais possíveis herdeiras (Weiner, 1992). Dando, os Big Men da Melanésia crescem (Godelier, 2001). Recebendo e repassando, assumem-se estatutos, acumulam-se feitos passados e podem-se inscrever nomes nas dinastias.

Em estratos sociais distintos, compra, doação, apropriação, guarda, tutela, transmissão, transformação e uso de adornos tendem a seguir viés de gênero (Müller; Vicente, 2012). Há exceções em casos de repasses mais recentes, e estas se inclinam a corresponder à transferência de mandatos profissionais e transgeracionais (Tisseron, 1999; Duarte, 2011). As coisas narradas nesse registro de cruzamento de gêneros foram, na maioria dos casos, dadas por homens a mulheres em solenidades das formaturas – o sociólogo que legou a caneta de seu pai à filha graduada em Sociologia; o avô advogado que elegeu a única neta a se formar em Direito como a depositária de seu anel de grau; a bisneta que transformou em broche um grampo de gravata do avô de sua mãe. Ou seja, mulheres ganham, herdaram, cuidam, remodelam e usam joias de família de antepassados com mais frequência do que homens.

Vale observar que adereços comprados para mulheres até as décadas de 1970 e 1980¹⁰, em geral, saíram do estado de mercadoria adquiridos por pretendentes, companheiros e pais – como os que meu avô Mário deu à minha avó Nina. Donas dessas dádivas ofertadas por homens, elas tendem a indicar ainda hoje os passos seguintes. O esperado é que se convertam em elos de uma corrente de obrigações morais e vínculos afetivos. Portanto, o repasse costuma atender a indicações femininas, inclusive ao serem transmitidos a homens.

¹⁰ Décadas em que se verifica, no Brasil, o ingresso mais sistemático de mulheres no mercado de trabalho.

Os roteiros biográficos dessas coisas são traçados como se as peças contadas não fossem regaladas passivamente. Protagonizam situações específicas, tornam-se personagens. Relatos insistem em valores simbólicos, e relações interpessoais se atualizam na medida em que as joias se movem, avançam em contextos geracionais, adquirem (ou perdem) credenciais representativas. Ressaltam-se narrativas que conectam coisa, pessoa/grupo e comunidade de sentidos, considerando afetos e desafetos em passado, presente e futuro imiscuídos, além de local e propriedades de prestígio – morais ou econômicas –, vinculando vivos, mortos e quem nem nasceu¹¹.

Não surpreende que joias de família sejam envolvidas em disputas – muitas vezes por afeto, como interlocutoras verbalizaram em entrevistas e conversas informais. O acúmulo do tempo e a origem ou a guarda anterior conferem à coisa maior ou menor valor e prestígio, entretanto, não encerram cotações na esfera simbólica. Litígios incidem sobre valores de repasses. E não se pode desconsiderar a dimensão venenosa da dádiva (Mauss, 2003; Godelier, 2001; Benveniste, 1995), da qual a tutora almeja alforria das obrigações, pois tutelar joias de família é ter sob sua responsabilidade ambivalências. Tem um preço, e esse preço pode ser alto; quiçá, maior que o venal.

As joias da pesquisa

Narradoras de joias de família desta etnografia têm origens socioculturais e econômicas diversas. Entretanto, há aproximações em modos de vida, formas de se relacionar com coisas, práticas e maneiras de lembrar, compor, recompor e contar crônicas familiares. Por meio desses relatos, acesso bastidores de uma economia íntima, moral e simbólica onde a cotação de afetos associada a determinadas coisas preciosas e sagradas de família oscila conforme indicadores de distância e proximidade. Novas histórias se iniciam a cada repasse para quem acolheu o legado e o que foi repassado. Individualidades transitam, misturam-se e reorganizam-se, com permanências e transformações, num processo relacional, vivo, incompleto e incerto.

Relendo *O narrador*, de Walter Benjamin (1987), e revisitando trechos de conversas e entrevistas e minhas lembranças, lembrei-me de pessoas dispostas a relatar crônicas familiares por meio de joias de família. Porque uma característica desta

¹¹ Medick e Sabeen (1984) nos instigam ao afirmar que não há objetos simbólicos, mas relações simbólicas. Conforme esses historiadores, que investigaram emoções e interesses materiais em estudos de família e parentesco, não são as coisas que significam, mas, sim, as interações entre familiares.

pesquisa diz respeito ao desejo de contar para expor e à disposição para escutar relatos que não enclausuram as histórias nas fronteiras físicas dos objetos, embora talhes e estética sejam relevantes.

Jóias de família ilustram histórias que se singularizam com elas, nelas e por elas ao englobarem muitas dimensões. Tilintam, chispam, seduzem, deboçam, arrefecem com pedras perdidas, sinalizam mudanças em ciclos de vida. Podem ser esnobes e, ao mesmo tempo, ser o toque da avó.

Com ou sem tutela de suas jóias de família, pessoas me oferecem jóias orais ou escritas com base em relatos herdados. Foram ouvintes e, no repasse, tornam-se narradoras. Identificando lacunas e localizando pistas e vozes capazes de recuperar minúcias, retornam às suas fontes de memória na tentativa de elucidar pontos obscuros. No vaivém de coisas, descrições e tentativas de construção e compreensão de si e dos seus, afetos se expandem, ramificam-se, renovam-se, ajustam-se e ficam mais complexos. Como advertiu Halbwachs (2006), memória é trabalhada, individual e coletiva, constantemente provocada e refeita a partir da memória dos outros.

Embora regras se insinuem nos repasses, descobri uma variedade de caminhos viáveis. É difícil apontar padrões mesmo entre grupos sociais, étnicos ou religiosos. Paisagens e disposições familiares são inúmeras, assim como estratégias e originalidade. Em comum, há empenho para tirar do anonimato segredos, rivalidades e louros. Não faltam crônicas com a dimensão épica sobre a qual Benjamin escreveu (1987). Descobre-se senso de responsabilidade para assegurar a dignidade das histórias contadas e o compromisso em recuperá-las, remontá-las, descrevê-las e exibí-las.

Ainda inspirada por Benjamin, considero os sujeitos de pesquisa como narradores, porque retiram da experiência de si e dos seus as histórias que compõem. E eu, receptora dessas jóias de pesquisa, devo honrá-las para repassá-las. Da mesma maneira, quem recebe uma joia de família recebe uma narrativa, algo precioso, sagrado, e tem obrigação perante o grupo de zelar pela vitalidade dessa coisa. A antropóloga ouve e, ao aceitar a história, torna-se tutora responsável pelo repasse, por levar a história às leitoras e aos leitores. Se as narrativas são repassadas, vivem em vidas engastadas, num acervo de experiências emaranhadas, produzindo elos em direções imprevisíveis. Cada crônica se converte em nova narrativa, e esta se reconstrói numa espécie de

reorganização de peças que, ao ingressar e transitar pelo circuito acadêmico, também recebe uma modelagem etnográfica que não se restringe ao texto.

Para Benjamin, a interação entre ouvinte e narrador é determinada pelo interesse em conservar o relato. É por meio da reminiscência que os acontecimentos são enviados às gerações futuras, e esses acontecimentos se articulam (1987). As coisas contadas se aliam à ideia de valor de afeto, sentimental ou emocional graças aos repasses, que não podem cessar para que a vida não se encerre.

Considerações finais

Joia de família é narrativa se consideramos que, em trânsito, sempre cabe uma pergunta: “O que aconteceu depois?” (Benjamin, 1987, p. 213). Quiçá os principais materiais dessas coisas sejam as vidas que as habitam e nas quais transitam. Sem calor humano, pedras, pérolas, corais, lascas de âmbar e metais nobres gelam.

Chego ao final desta escrita destacando um ponto levantado por Lassiter (2005) em reflexões sobre produção etnográfica colaborativa que, acredito, atravessa inquietações da investigação. Refiro-me ao trecho em que ele, ainda aprendiz, relata os primeiros contatos com Mike, um personagem que lhe falou da sua experiência como dependente químico junto aos Narcóticos Anônimos (NA). O então antropólogo em formação percebeu o uso político que seu entrevistado daria à investigação. Ao louvar o que parecia desejo de ajudar outros dependentes, Lassiter ouviu outra justificativa de Mike para partilhar as suas histórias: “Mantemos o que temos ao passar isso adiante” (2005, p. 19, tradução minha)¹². E acredita ter aprendido uma “lição importante”:

[...] sua responsabilidade em manter o que tem ao passar isso adiante fala com aptidão sobre nossas responsabilidades mais amplas como antropólogos de servir aos outros através do nosso trabalho, e isso inclui nossas escritas. Caso contrário, podemos enfrentar o inverso da sabedoria de Mike: podemos perder o que temos ao guardar isso para nós mesmos. (Lassiter, 2005, p. 20, tradução minha).¹³

¹² No original: We keep what we have by giving it away.

¹³ No original: [...] his charge to keep what he has by giving it away speaks aptly to our broader responsibilities as anthropologists to serve others through our work, and this includes our writing. Otherwise, we may face the inverse of Mike’s wisdom: we may lose what we have by keeping it to ourselves.

Independentemente do que sejam joias de família, essas coisas precisam atrair e se mover para existir, ou vazarem, como preconiza Ingold (2015; 2012). Uma maneira de manter essas coisas existindo é levando-as à frente e provocando também a leitura, é fazer com que sejam recebidas e inspirem. Nos fluxos e processos é “que as coisas são trazidas à vida” (Ingold, 2012, p. 32). Sem contá-las, sem exibi-las e sem movê-las, corremos o risco de perdê-las, de retirá-las da vida e de retirar-lhes as vidas.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, W. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In.: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas (vol.1). São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BENVENISTE, É. *O vocabulário das instituições indo-européias: economia, parentesco, sociedade* (v. 2). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

_____. Introdução: verdades parciais. In.: CLIFFORD, J.; MARCUS, G.E. (org.). *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2016, p. 31-61.

DUARTE, L.F.D. Geração, fratria e gênero: um estudo do mandato transgeracional e subjetivação. *Trivium. Estudos Interdisciplinares*. Ano III, Edição I, p.1-19; 1º semestre de 2011. <http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-iii/artigos-tematicos/1-geracao-fratria-e-genero-um-estudo-de-mandato-transgeracional-e-subjetivacao-diferencial.pdf>

DUARTE, L. F. D.; MENEZES AISENGART, R. Transpersonal Ether: personhood, family and religion in modern societies. *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.* [online]. 2017, vol.14, n.1 [cited 2017-06-27], e141001. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43412017000100200&lng=en&nrm=iso>. Epub June 22, 2017. ISSN 1809-4341. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-43412017v14n1p001>.

GODELIER, M. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HALBWACHS, M. Memória individual e memória coletiva. In: *Memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 29-70.

INGOLD, T. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2015. Edição Kindle.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LASSITER, L. E. *The Chicago guide to collaborative ethnography*. Chicago: The University Chicago Press, 2005.

MAUSS. M. *Ensaio sobre a dádiva: forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas*. In.: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183-314.

MEDICK, H.; SABEAN, D. W. Interest and emotion in family and kinship studies: a critique of social history and anthropology. *Interest and emotion. Essays on the study of family and kinship*. H. Medick and D. W. Sabean (orgs). Cambridge, Cambridge University Press, 1984, p. 9- 27.

MÜLLER, L. H. A.; VICENTE, D. S. Vão-se os anéis: uma abordagem antropológica do penhor como instrumento de crédito. REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, Araraquara, v. 4, n. 2, jan/jul, 2012.

PASSOS, A. *De matéria a afeto: a construção do significado da joia*. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018. Disponível em <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/3722>. Acesso em 22 out. 2019.

PINA CABRAL, J. de. *O homem na família: Cinco ensaios de antropologia*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

PRICE, S. *Arte primitivo en tierra civilizada*. Madri: Siglo Veintiuno de España Editores, 1993.

QUEIRÓS, E. de. *A ilustre Casa de Ramires*. São Paulo: Abril Multimídia, s/d.

ROCHEDO, A. L. *Do croqui à Academia: a biografia cultural de um vestido*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/131647>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SANTOS, I. A. *Tramas de afeto e saudade: em busca de uma biografia dos objetos e práticas vitorianos no Brasil oitocentista*. 2014. Tese (Doutorado em História Comparada). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2014.

SEGALEN, M.; MICHELAT, C. L'amour de la généalogie. In.: SEGALEN, M. (org.). *Jeux de familles*. Paris: Presses du CNRS, 2002, p. 193-208.

SIMMEL. G. Psicologia do adorno. In. _____. *Filosofia da moda*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2014, p. 65-78.

TISSERON, S. *Nos secrets de famille*. Paris, Ramsay, 1999.

VERISSIMO, E. *Incidente em Antares*. São Paulo: Globo, 1995.

WEINER, A. B. *Inalienable possessions: the paradox of keeping-while-giving*. Berkeley/Los Angeles/Oxford: University of California Press, 1992.